

O PERFIL DE INVESTIDOR E O CONHECIMENTO ACERCA DOS PRODUTOS DO MERCADO FINANCEIRO E DE CAPITAIS: UMA VISÃO GERAL DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FAE BUSINESS SCHOOL

Fernanda de Castro Sousa (Especialista em Finanças pela FAE *Business School*). Amilton Dalledone Filho (Mestre em Administração pela UFSC. Professor da FAE *Business School*).

contato: nandinha_castro@hotmail.com

amilton.filho@fae.edu

Resumo

Em todo Brasil, menos de um quarto da população economicamente ativa (24%) afirma fazer algum tipo de aplicação financeira (ANBIMA, 2017). Outra pesquisa revela que o brasileiro tem baixo índice de alfabetização financeira (*S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey, 2014*). O propósito deste estudo foi pesquisar qual o perfil de investidor dos alunos de pós-graduação da FAE Business School e o conhecimento sobre os produtos ofertados pelo mercado financeiro e de capitais. A amostra abrangeu 226 alunos pós-graduandos da referida instituição e os dados coletados foram tabulados através do software *SPSS for Windows* e planilhas do Microsoft Excel. Prevaleceu entre os alunos um perfil conservador, com maior aversão ao risco, que prioriza os investimentos em renda fixa e busca aplicações com liquidez. O investimento mais realizado pela amostra é a caderneta de poupança, mas tem a aposentadoria como principal objetivo para suas aplicações mensais. Destaca-se a necessidade de maiores práticas de educação financeira e estudos para um melhor entendimento acerca do comportamento dos investidores.

Palavras-chave: Investimento, Mercado Financeiro e de Capitais, Renda fixa e Renda variável.

INTRODUÇÃO

A educação financeira tem impactado, cada vez mais, a vida dos brasileiros. Ter esse conhecimento pode transformar o presente e construir o futuro de muitos daqueles que o buscam. E o momento atual - marcado por mais ferramentas tecnológicas, oportunidades no cenário econômico, inovações em investimentos e crescente preocupação com a aposentadoria – não poderia ser mais propício para tal prática.

Diante desse contexto, propõe-se um estudo acerca de um público que está inserido no universo mencionado acima e conectado com suas transformações. Pretende-se investigar o impacto de tais variáveis nos investimentos de alunos pós-graduandos de uma conceituada escola de negócios.

A pesquisa tem, portanto, como objetivo geral pesquisar o perfil de investidor, e o conhecimento sobre os produtos ofertados pelo mercado financeiro e de capitais, dos alunos de pós-graduação da *FAE Business School*. E como objetivos específicos: (a) contextualizar o cenário atual da economia brasileira; (b) conceituar o mercado financeiro e de capitais e descrever seus principais produtos; (c) identificar o perfil dos alunos da *FAE Business School* por meio de pesquisa de campo; (d) e apresentar os resultados da pesquisa realizada junto aos alunos da *FAE Business School*.

Organizar o orçamento doméstico, controlar as despesas e rentabilizar os ganhos, o brasileiro até sabe o que deve ser feito, entretanto, muitas vezes não coloca em prática a teoria. Uma pesquisa realizada pelo SPC Brasil e CNDL (Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas), relata que, em cada dez entrevistados, seis admitem que nunca ou somente às vezes gostam de dedicar tempo às atividades de controle da vida financeira (SPC Brasil, 2018). Outra pesquisa revela que, em junho de 2017, apenas dois em cada dez consumidores puderam guardar parte de seus rendimentos (SPC Brasil, 2017). E um dado reflete a falta de conhecimento do brasileiro quanto ao tema investimentos: 23% dos poupadores guardam o dinheiro na própria casa.

A Standard & Poor's realizou um grande estudo sobre educação financeira do qual chamou "S&P Ratings Services Global Financial Literacy Survey" (2014). A pesquisa foi realizada com mais de 150 mil adultos, ao redor do mundo, e relata que os países com maior nível de educação financeira são: Noruega, Dinamarca e Suécia (71%). Quanto ao Brasil, 35% dos adultos entrevistados foram considerados alfabetizados financeiramente. Quando comparado aos BRICS, o Brasil fica à frente da Índia (24%) e China (28%), mas atrás de Rússia (38%) e África do Sul (42%) (Almeida e Cunha, 2017).

Quanto aos investimentos, "em todo Brasil, menos de um quarto da população economicamente ativa (24%) afirma fazer algum tipo de aplicação financeira" (ANBIMA, 2017). Segundo pesquisa realizada pela ANBIMA (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais) e Datafolha, essa parcela que já aplica tem como investimento prioritário a caderneta de poupança (16%), seguida pelos fundos de investimento (2,0%), previdência privada (1,85%), imóvel (1,45%), títulos públicos (1,39%), mercado de ações e fundos de renda variável (1,24%). Destaca-se que a maioria do público investidor está na classe A (42%), com a classe C na ponta oposta (18%).

No entanto, em paralelo ao baixo índice de educação financeira, pode-se perceber uma oportunidade de crescimento e investimento, no Brasil, diante das transformações e do cenário econômico atual. Após um período de profunda crise, o país tem tido reduzidas taxas de inflação e juros, além da retomada de investimentos no setor privado. Mesmo em meio à instabilidade política, e aos efeitos do desajuste fiscal, o setor produtivo tem demonstrado recuperação da intensa recessão que abalou o Brasil nos últimos anos.

Além disso, destaca-se que a evolução tecnológica tem contribuído com o acesso aos produtos financeiros e auxiliado na disseminação da educação financeira. Na internet, o tema “independência financeira” também tem feito sucesso, principalmente, diante das recorrentes notícias acerca do déficit previdenciário brasileiro. Há muitos *blogueiros* e canais do *Youtube* que discutem tantos os hábitos necessários para quem busca alcançar seus objetivos de curto e longo prazo, quanto recomendam os melhores investimentos de acordo com contexto econômico e o perfil dos investidores. Outrossim, as plataformas digitais dos bancos e corretoras têm facilitado as aplicações financeiras e o controle dos investimentos em tempo real. De acordo com a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), mais da metade dos serviços bancários atualmente é feita por meio de plataformas online. Na Unicred SC/PR - uma instituição financeira cooperativa - por exemplo, 67,7% das transações são realizadas através dos meios eletrônicos - Internet banking, mobile e caixas eletrônicos (Portal do Cooperativismo Financeiro, 2017).

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO ECONÔMICO ATUAL

Após enfrentar uma grave recessão econômica, que provocou um PIB negativo de 3,5%, em 2015 e 2016, o Brasil obteve um crescimento econômico de 1% em 2017 (IBGE, 2018). O país conseguiu um voto de confiança do mercado diante da conjuntura econômica que passou a apresentar e por sua disposição na realização de reformas.

O ano de 2017 foi marcado por mudanças nas políticas econômicas. Na área monetária, houve forte redução da taxa básica de juros, a meta Selic alcançou históricos 7,0%. Também ocorreu uma diminuição das alíquotas dos recolhimentos compulsórios sobre os recursos à vista e a prazo, os percentuais passaram para 40% e 34% respectivamente. No aspecto fiscal, as reservas internacionais do país chegaram a US\$ 380 bilhões. Por outro

lado, apesar do avanço do PIB em 1%, e busca por ajustes econômicos e privatizações, a reforma da Previdência não foi aprovada, em 2017, e a meta do déficit fiscal anual ficou em R\$ 159 bilhões. Já na área cambial, o dólar obteve períodos de queda, ao longo do ano, chegando à cotação mínima de R\$ 3,057 em fevereiro. No entanto, diante do impasse fiscal e político, a moeda terminou o ano cotada a R\$ 3,314 (Valor econômico, 2017 e 2018).

O início de 2018 foi marcado por grande otimismo. A taxa de juros foi reduzida a 6,5%. E, diante da estratégia expansionista do Banco Central em alavancar a economia, os bancos foram reduzindo paulatinamente suas taxas de juros e aquecido o mercado de crédito. A inflação se encontra controlada e, segundo pesquisa Focus do Banco Central de maio, projetada em 3,5% para o presente ano. Com isso, os investidores externos iniciaram o ano apostando alto na Bolsa de Valores brasileira que alcançou pontuações recordes no período.

Entretanto, no segundo trimestre do ano, percebeu-se que o ritmo de crescimento da economia não é tão animador como o esperado. As empresas brasileiras tentam retomar os investimentos nas suas operações, buscando alavancagem financeira e atraindo o capital de investidores, mas o ritmo de retomada econômica tem sido lento. Soma-se isso à volatilidade gerada pelo período eleitoral e aos prejuízos causados na cadeia produtiva diante dos dias vividos com manifestações e greves pelo país. O cenário externo, que se mostrou tão favorável, inicialmente, agora demonstra que os investidores estão mais cautelosos quanto ao risco Brasil, ainda mais diante da política econômica americana de elevação das taxas de juros e maior protecionismo. Com isso, o dólar mantém forte ímpeto de alta e chegou a ultrapassar a barreira de R\$ 3,96 em junho e valorização de 12,97% no acumulado de janeiro a maio (Valor Econômico, 2018). Diante dos desafios internos e externos, o crescimento do PIB de 2,5% projetado pelo Ministério do Planejamento para este ano tem sido constantemente revisto e reduzido pelo mercado.

Apesar do atual cenário, o Brasil ainda se torna atraente pela sua política monetária e inflação controlada, no entanto, os investidores brasileiros têm sido desafiados a diversificarem suas carteiras. O investimento em renda variável se tornou importante apesar do momento político e cenário das eleições. Mesmo assim, a volatilidade continuará presente e o grande desafio para os investidores, portanto, será encontrar um equilíbrio entre a relação risco versus retorno nas suas carteiras de investimento.

1.2 O MERCADO FINANCEIRO E DE CAPITAIS: ESTRUTURA E CLASSIFICAÇÕES

O mercado financeiro é composto pelo conjunto de instituições que formam o SFN – Sistema Financeiro Nacional. Segundo Assaf Neto (2015, p.42), o Sistema Financeiro Nacional pode ser entendido como um conjunto de instituições financeiras e instrumentos financeiros que visam, em última análise, transferir recursos dos agentes econômicos (pessoas, empresas e governo) superavitários para os deficitários. Ou seja, no mercado financeiro, ocorrem as intermediações financeiras: os tomadores de recurso (agentes deficitários) tomam emprestado dinheiro dos ofertadores (agentes superavitários). Entre os dois tipos de agentes, há os intermediadores que realizam a ligação das operações.

O SFN é dividido entre o subsistema normativo e o subsistema de intermediação. Assaf Neto (2015, p.43) explica que os órgãos do subsistema normativo são responsáveis pelo funcionamento do mercado financeiro e de suas instituições, fiscalizando e regulamentando suas atividades por meio, principalmente, do Conselho Monetário Nacional (CMN) e do Banco Central do Brasil (Bacen). A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) é um órgão normativo de apoio do sistema financeiro, atuando mais especificamente no controle e fiscalização do mercado de valores mobiliários. Já o Banco do Brasil (BB), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Caixa Econômica Federal (CEF) têm um caráter especial de atuação. Assumem, portanto, certas responsabilidades próprias e interagem com vários outros segmentos do mercado financeiro.

O subsistema de intermediação é formado por várias instituições classificadas em bancárias e não bancárias de acordo com a capacidade que apresentam de emitirem moeda; instituições auxiliares do mercado e instituições definidas como não financeiras e o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimos (Assaf Neto, 2015, p.51).

Quanto à sua atuação, o mercado financeiro pode ser classificado em quatro grandes mercados: monetário, crédito, cambial e de capitais.

Tabela 1 - Estrutura dos Mercados Financeiros

Mercados	Atuação	Maturidade
Monetário	Controle dos meios de pagamentos (liquidez) da economia.	Curtíssimo e curto prazos
Crédito	Créditos para consumo e capital de giro das empresas.	Curto e médio prazos
Capitais	Investimentos, financiamentos e outras operações.	Médio e longo prazos
Cambial	Conversão de moedas.	A vista e curto prazo

Fonte: Assaf Neto, 2015

1.2.1 Mercado monetário

É também conhecido como mercado aberto ou *Open Market* e engloba as operações de curtíssimo prazo. Este mercado executa duas funções: primeiro aplicar recursos disponíveis de curto prazo e, segundo, é utilizado pelo Banco Central para controlar o nível de liquidez (mede a capacidade das empresas públicas ou privadas de cumprir com suas obrigações no curto prazo) da economia por meio de compra e venda de títulos (Mariano e Meneses, 2015).

Asaaf Neto (2015, p. 66) explica ainda que além dos papéis emitidos pelo Tesouro Nacional, bem como diversos títulos emitidos pelos Estados e Municípios, são ainda negociados no mercado monetário os certificados de depósitos interfinanceiros (CDI), exclusivamente entre instituições financeiras, e títulos de emissão privada, como o certificado de depósito bancário (CDB) e debêntures.

1.2.2 Mercado de crédito

Nesse mercado, há uma forte relação entre a instituição financeira bancária e os seus clientes. O poupador aplica seus recursos excedentes numa instituição financeira com o objetivo de receber o montante principal acrescido de juros. Com o capital investido, o banco realiza operações de empréstimos e financiamentos a tomadores de recurso com a intenção de receber o valor principal acrescido de juros. Destaca-se que a instituição assume o papel de sujeito ativo na ao atuar como credora de empréstimos de recurso. Por outro lado, será um sujeito passivo quando atuar como devedora dos recursos captados. O banco obtém um ganho nas intermediações, chamado *spread*, já que as taxas cobradas nas operações ativas são geralmente superiores àquelas pagas nas passivas. Dentre os produtos de crédito, destacam-se:

- a) Cartão de crédito: um meio que possibilita o pagamento à vista ou parcelado de produtos e serviços, obedecidos aos requisitos pré-determinados, tais como: validade, abrangência, limite e etc. Foi criado com a finalidade de promover o mercado de consumo, facilitando as operações de compra (Procon/SP, 2018).
- b) Cheque especial: representa um empréstimo pré-aprovado que o banco disponibiliza para o cliente utilizar a qualquer momento. Como não há exigência de garantias para a operação, os juros são elevados, tendo uma média de 327% ao ano segundo levantamento do Banco Central (Serasa, 2017).

- c) Empréstimo pessoal: também conhecido como crédito pessoal, é o empréstimo ofertado por bancos, cooperativas de crédito e financeiras. É uma opção para cobrir gastos inesperados ou quitar dívidas com taxas de juros mais altas, como as do cartão de crédito ou do cheque especial. Pode ser consignado, modalidade de empréstimo pessoal em que o desconto da prestação é feito diretamente na folha de pagamento ou de benefício previdenciário do contratante (BCB, 2018).

1.2.3 Mercado de câmbio

O mercado de câmbio é regulamentado e fiscalizado pelo Banco Central e compreende as operações de compra e de venda de moeda estrangeira, as operações em moeda nacional entre residentes, domiciliados ou com sede no País e residentes, domiciliados ou com sede no exterior e as operações com ouro-instrumento cambial, realizadas por intermédio das instituições autorizadas a operar no mercado de câmbio pelo Banco Central, diretamente ou por meio de seus correspondentes. Incluem-se no mercado de câmbio brasileiro as operações relativas aos recebimentos, pagamentos e transferências do e para o exterior mediante a utilização de cartões de uso internacional, bem como as operações referentes às transferências financeiras postais internacionais, inclusive vales postais e reembolsos postais internacionais (BCB, 2018).

O Banco Central autoriza a operação dos seguintes agentes nesse mercado: bancos múltiplos; bancos comerciais; caixas econômicas; bancos de investimento; bancos de desenvolvimento; bancos de câmbio; agências de fomento; sociedades de crédito, financiamento e investimento; sociedades corretoras de títulos e valores mobiliários; sociedades distribuidoras de títulos e valores mobiliários e sociedades corretoras de câmbio.

Dentre as taxas de câmbio, destaca-se a PTAX, que representa a taxa média de negociação do dólar comercial ponderada em valor apurada pelo Banco Central no final de cada dia. Ela serve de referência para os contratos de derivativos de câmbio como indexador de vários títulos.

1.2.4 Mercado de capitais

O mercado de capitais, também conhecido como mercado acionário, relaciona-se com o mercado de títulos e valores mobiliários privados. Juliano Lima (2016, p. 175) explica

que o propósito desse mercado é viabilizar a capitalização das empresas e dar liquidez aos títulos emitidos por elas. Além disso, seus investimentos permitem uma participação coletiva de forma ampla na riqueza e nos resultados da economia.

Suas operações geralmente são de longo prazo, tendo como os principais títulos negociados os representativos do capital de empresas (ações), ou de empréstimos via mercado (debêntures, bônus de subscrição, e etc), sem a participação de intermediários bancários (Fortuna, 2010, p.32).

O mercado acionário pode ser dividido em duas etapas: primário e secundário. No mercado primário, a ação é negociada pela primeira vez e o dinheiro vai diretamente para a empresa. Ela abre o capital na Bolsa de Valores, subscrevendo participações acionárias, visando captar recursos para financiar seus projetos de expansão. No mercado secundário, há transferência dos títulos entre os investidores e instituições. Nele, é possível realizar a venda das ações e, portanto, reaver o dinheiro investido pelos acionistas com lucro. A empresa não se beneficia das negociações realizadas no mercado secundário, apenas de subscrever mais capital no mercado primário.

O funcionamento do mercado secundário ocorre principalmente nas Bolsas de Valores, cujo objetivo básico é o de manter um local em condições adequadas para a realização, entre seus membros, de operações de compra e venda de títulos e valores mobiliários. As bolsas de valores são entidades integrantes SFN, fiscalizadas pela CVM, e suas negociações são realizadas de forma eletrônica, o denominado pregão eletrônico. No Brasil, a Bolsa de maior atuação é a BM&FBovespa que, em 2008, tornou-se uma companhia aberta pela integração das operações da Bovespa e da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F). Ela atua nos mercados de ações, futuros, opções, câmbio, crédito de carbono, renda fixa e futuro de índices (Assaf, 2015, p.232).

1.3 PRODUTOS DO MERCADO FINANCEIRO E DE CAPITAIS

Os produtos do mercado financeiro e de capitais, considerados nesse estudo, referem-se a ativos financeiros que canalizam a poupança até o investimento conforme conceitua Juliano Lima (2016, p. 93). Ou seja, as empresas emitem ações ou títulos da dívida no mercado, através dos ativos financeiros, para se financiarem e captarem recursos. Dentre suas características, destacam-se a liquidez (capacidade de conversibilidade em dinheiro), risco (instabilidade no retorno esperado) e rentabilidade (capacidade de ganhos).

Os produtos podem ser classificados de várias formas, entretanto, a mais usual é dividi-los em ativos de renda fixa e renda variável. A aquisição de produtos de renda fixa consiste em investimento em títulos emitidos pelo governo ou por uma empresa, com

direito ao recebimento de juros. Ao fazer um investimento em renda fixa, que no Brasil tem o CDI como principal *benchmark*, há compra de um título de dívida. Trata-se de um contrato por meio do qual ocorre um empréstimo de dinheiro ao emissor do papel, que, em troca, paga quantias fixas a intervalos regulares, os pagamento de juros, até uma data específica, a data do vencimento do papel, quando então é feito um pagamento final, o resgate do título (Pinheiro, 2016, p.97).

Quanto aos ativos de renda variável, não é possível prever os rendimentos futuros e o valor de resgate pode sofrer variações (perdas ou ganhos) com relação ao montante inicialmente investido. Portanto, diante do maior risco existente nas operações, a rentabilidade é mais elevada que aquela dos produtos de renda fixa. As ações e as debêntures conversíveis em ações são os produtos de renda variável de mais destaque e, talvez, os mais popularmente conhecidos pelos investidores no mercado de capitais (Pinheiro, 2016, p.98).

A tabela a seguir destaca os principais títulos de renda fixa e variável negociados no mercado brasileiro:

Tabela 2 - Produtos do Mercado Financeiro e de Capitais

PRODUTO	O QUE É?	CLASSIFICAÇÃO	VANTAGENS	OUTRAS CARACTERÍSTICAS
Caderneta de poupança	Aplicação financeira oferecida pelos bancos que é realizada através de depósitos em contas poupança.	Renda fixa.	Possibilidade de se aplicar qualquer valor (não há exigência de um capital mínimo investido) e liquidez imediata para o depositante.	Os rendimentos são calculados mensalmente e creditados sempre na data de aniversário ao aplicador, ou seja, aquele dia no qual foi realizada a aplicação.
			Isenção de Imposto de Renda para pessoas físicas e é protegido pelo FGC (Fundo Garantidor do Crédito)	A remuneração atual da caderneta de poupança é TR (Taxa Referencial) mais 0,5% ao mês. Mas caso a taxa Selic seja igual ou menor que 8,5% a.a., os rendimentos da Poupança serão calculados em 70% da taxa Selic mais a variação da TR (taxa referencial de juros).
CDB	O Certificado de Depósito Bancário (CDB) é um título de emissão somente de bancos comerciais, de investimento, de desenvolvimento e múltiplos.	Renda fixa.	Representa um título de alta liquidez, que pode ser imediata ou fixada para uma data previamente acordada.	O CDB pode ser remunerado através de uma taxa prefixada ou pós-fixada.
			É enquadrado como uma das aplicações garantidas pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC).	Quando pós-fixados, podem-se utilizar como remuneração uma taxa flutuante (como a taxa do CDI), a TR, a TBF e a TJLP ou algum índice de inflação como o IGP-M.
LCI/LCA	A LCI (Letra de Crédito Imobiliário) e a LCA (Letra de Crédito do Agronegócio) são títulos emitidos por um banco e lastreado por empréstimos imobiliários e do agronegócio.	Renda fixa.	São títulos isentos de imposto de renda, o que garante uma rentabilidade líquida maior principalmente no longo prazo	Normalmente, só podem ser resgatadas no vencimento do título.
			Enquadram-se como aplicações garantidas pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC).	A LCI e LCA costumam ter taxas de rentabilidade muito próximas do CDI, que é o benchmark da renda fixa

PRODUTO	O QUE É?	CLASSIFICAÇÃO	VANTAGENS	OUTRAS CARACTERÍSTICAS
Tesouro direto	Títulos públicos do governo federal para pessoas físicas oferecidos pelo Tesouro Nacional em parceria com a BM&F Bovespa.	Renda fixa.	• Os valores dos títulos são acessíveis, é possível realizar aplicação com apenas R\$ 30,00.	Os títulos podem ser: <i>Tesouro Selic</i> (antiga LFT) segue a taxa Selic; <i>Tesouro Prefixado</i> (antiga LTN) ou com juros semestrais (antiga NTN-F) com rentabilidade definida no momento da compra; e <i>Tesouro IPCA</i> (antiga NTN-B), com ou sem juros semestrais, acompanha o IPCA.
			Apresentam baixo risco, pois são 100% garantidos pelo Tesouro Nacional, ou seja, o Governo Federal garante o seu pagamento.	Os títulos são negociados por de bancos e corretoras que operam junto ao Tesouro direto, mas sua custódia é realizada pela BM&Bovespa.
			Oferecem alta liquidez e rentabilidade.	
Debêntures	São títulos de dívida de longo prazo emitidos por sociedades por ações e destinados, geralmente, ao financiamento de projetos de investimentos (fixo e giro) ou para alongamento do perfil de endividamento das empresas.	Renda fixa*.	Rendimento acima da média na renda fixa, que oferece ganhos superiores por conter um ingrediente extra de risco.	O rendimento das debêntures pode variar bastante, ele pode ser prefixado (pagamento de um percentual de juros anuais definido no momento da aplicação), pós-fixado (rentabilidade vinculada a um indexador), ou híbrido (prefixado e pós-fixado).
			Há debêntures que incentivadas que possuem isenção fiscal, pois buscam financiar projetos de infraestrutura.	As debêntures podem ser do tipo simples, conversíveis (possibilidade de transformar o crédito a receber em ações), permutáveis (trocar o título por ações de uma companhia que não seja a própria emissora da dívida) e incentivadas
Fundos de investimento	Um instrumento através do qual um ou mais investidores, em regime de condomínio, aplicam seus recursos em uma instituição financeira, administrada por um gestor profissional, dentro das regras estabelecidas em seu regulamento.	Renda fixa ou variável.	Permite a diversificação dos ativos componentes da carteira e redução do risco.	De acordo com classificação da CVM, os fundos podem ser classificados como: curto prazo, referenciados, renda fixa, multimercado, ações, cambiais e dívida externa.
			São geridos por profissionais experientes e aptos para exercer a atividade de análise dos aspectos técnicos sobre o mercado de capitais para os investidores;	Nos fundos, há incidência de taxa de administração ao gestor, assim como IR de acordo com a classificação tributária. Pode incidir também taxa de performance, entrada e saída de acordo com o regulamento.
			Oferecem alta liquidez.	
Ações	Ações são títulos de valor mobiliário, nominativos e negociáveis que representam para quem as possui uma fração do capital social de uma Sociedade por Ações (S/A).	Renda variável.	Os acionistas possuem uma série de direitos, tais como: direito ao voto, participação nos lucros, fiscalização, preferência de subscrição de ações em aumento de capital e etc;	As ações podem ser classificadas como ordinárias (ON), que proporciona participação nos resultados econômicos de uma empresa e confere a seu titular o direito de voto em Assembleia; e preferenciais (PN), que oferece a seu detentor prioridades no recebimento de dividendos e/ou, no caso de dissolução da empresa, no reembolso de capital.
			Além da possibilidade de alta rentabilidade com a valorização das ações nas bolsas, esse investimento pode proporcionar benefícios ligados ao resultado da companhia (distribuição de dividendos, bonificações, alterações no valor nominal e juro sobre o capital próprio).	No mercado à vista, negociam-se ações em lote-padrão, também chamados "Integral" (e seus múltiplos), por exemplo: Unitário, lote de 100, de 1.000, de 10.000, de 100.000 ações. Na BM&Fbovespa, o lote-padrão é de 100 ações.
Derivativos	São contratos cujos valores e características de negociação estão vinculados aos ativos que lhes servem de referência, ou seja, são instrumentos financeiros cujos valores derivam de outras variáveis básicas.	Renda variável.	Atua na proteção (hedging) contra as oscilações indesejáveis nos preços dos ativos.	São quatro os tipos básicos de derivativos:
			As operações, se bem sucedidas, podem provocar uma alavancagem de ganhos.	<ul style="list-style-type: none"> • Contratos a termo: compra ou venda firmado entre dois investidores de um ativo em um tempo determinado período no futuro. • Contratos futuros: contrato ou mini contrato de venda ou compra de investimento a determinado valor e data, com maior liquidez, e intermediado pela BM&Bovespa. • Opções: os direitos de compra e venda de ações são negociados com preços e prazo pré-fixados, mas não sua obrigação. • E swaps: contratos de troca de índices, moedas, indexadores, commodities e etc em uma data definida.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

2 METODOLOGIA

Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, pois consiste na apresentação das características do grupo estudado. É de cunho quantitativo e qualitativo, já que se buscou, além da interpretação estatística dos resultados encontrados, a identificação do perfil da amostra analisada. Utilizou-se das pesquisas bibliográficas e documental para levantamento do referencial teórico, bem como da pesquisa de campo para observação e extração dos dados da realidade do objeto de estudo deste trabalho.

No primeiro semestre de 2018, a *FAE Business School* contava com uma população de 935 alunos de pós-graduação. Realizou-se, portanto, uma pesquisa de campo, em junho do corrente ano, com uma amostra de 226 alunos, para uma margem de confiança de 95% e erro de 6%, sendo realizada através de questionário fechado e de múltipla escolha.

Para a tabulação dos dados, foram utilizados o software *IBM SPSS Statistics for Windows* e planilhas eletrônicas do Microsoft Excel, para observação estatística, e realizou-se a análise das informações coletadas tendo por base o material obtido através da pesquisa bibliográfica e documental, também essenciais a esse estudo.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O questionário proposto aos alunos teve por base conhecer o sexo, faixa etária, fonte de renda, características quanto ao hábito de investir, preferências, principais tipos e objetivos de investimento da amostra analisada. Os resultados obtidos foram agrupados de forma a facilitar a interpretação e visualização das informações geradas.

A pesquisa contou com um total de 226 respondentes. Sendo o público feminino predominante, representado 61,5% do total, diante de 38,5% de alunos do sexo masculino. Quanto ao estado civil, percebe-se que a maioria é de solteiros (57,5%), sendo seguida por 37,2% de casados e 5,5% de separados ou outros. Percebe-se ainda que o público é jovem, composto por 61,1% de alunos com idades entre 20 e 30 anos, 26,1% entre 31 e 40 anos e 12,9% acima de 41 anos.

A tabela abaixo demonstra que o salário é a principal fonte de renda dos alunos de todas as idades, representando 77,0% das respostas obtidas. Quanto ao item “outros”, dentre as respostas oferecidas, destacam-se: pensão, mesada dos pais e receita de aluguel, representando 7,5% do total.

Tabela 3 - Faixa etária x Fonte de renda

Faixa etária dos alunos x Principal fonte de renda

% do Total

		Principal fonte de renda				Total
		Salário	Pró-labore	Rendimentos financeiros	Outros	
Faixa etária dos alunos	20 a 30	49,6%	5,8%	0,9%	4,9%	61,1%
	31 a 40	20,4%	3,1%	1,3%	1,3%	26,1%
	41 a 50	4,9%	3,1%	1,3%	0,9%	10,2%
	Acima de 50	2,2%			0,4%	2,7%
Total		77,0%	11,9%	3,5%	7,5%	100,0%

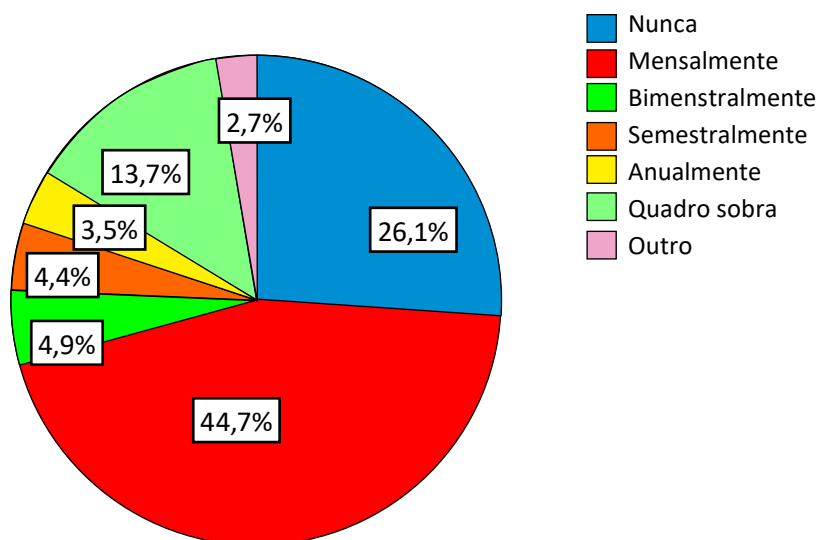
Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

O hábito de investir está presente na vida dos alunos de pós-graduação. Conforme gráfico abaixo, é possível notar que grande parte da amostra revela investir mensalmente (44,7%), e, dentre esses, 10% da renda mensal demonstra ser o percentual que melhor cabe no bolso dos pós-graduandos. Destaca-se que, dentre os alunos, há quem invista acima de 50% de sua renda mensal. O maior valor encontrado na pesquisa foi de 70% da renda mensal.

Entretanto, observa-se que 26,1% afirmaram que nunca investem ao longo do ano. Dentre aqueles cuja resposta foi “outros”, alguns revelaram investir semanalmente e até diariamente seus recursos. Outros escreveram não ter uma periodicidade definida quanto aos seus investimentos.

Gráfico 1 - Hábito de investir

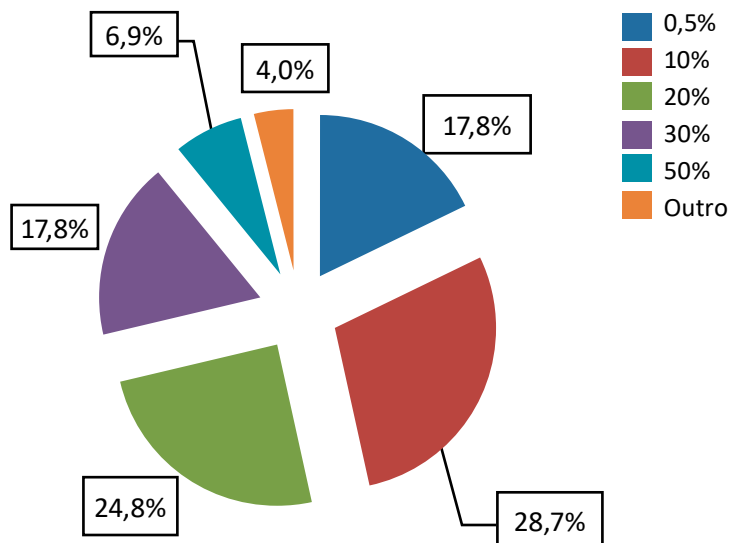
Com que frequência você investe?



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Gráfico 2 - Investimento mensal

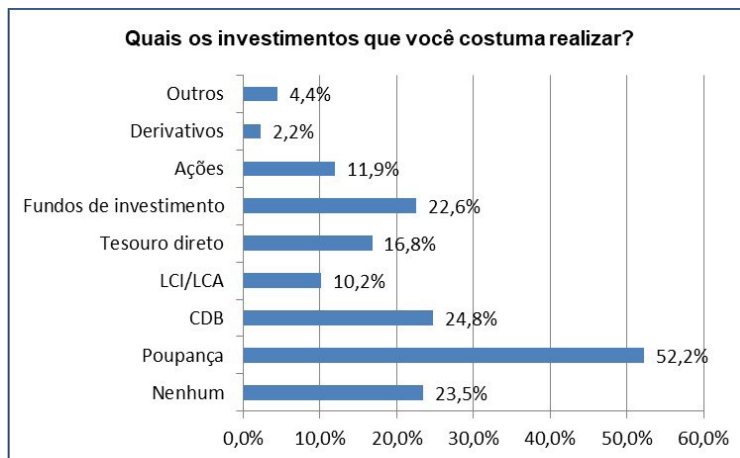
Qual o percentual da sua renda investido mensalmente?



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

O investidor brasileiro mostra-se conservador na condução dos seus investimentos. Esse perfil foi tratado ao longo deste estudo por meio de outras pesquisas já realizadas. Diante da observação dos principais investimentos feitos pelos alunos de pós-graduação da FAE, percebe-se que a mesma cautela é mantida na escolha de suas aplicações. O gráfico abaixo demonstra o resultado obtido para a seguinte questão: “Quais os investimentos que você costuma realizar?”. Destaca-se que era possível assinalar mais de uma alternativa e, no caso de “outros”, identificar o tipo de investimento realizado. Observa-se, ainda, que quando foi apresentado aos alunos opções de produtos financeiros, alguns que tinham afirmado “nunca” investir (26,1%) assinalaram pelo menos uma aplicação, já que apenas 23,5% afirmaram não realizar nenhum tipo de investimento.

Gráfico 3 - Investimentos realizados pelos alunos



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

A caderneta de poupança é a principal aplicação realizada pelos estudantes. Observa-se que 52,2% deles, ou seja, metade da amostra tem esse produto em sua carteira de investimento. E numa análise mais aprofundada, foi possível perceber que ela é a única opção de investimento de 29,6% dos alunos entrevistados. Quando esse percentual é somado àqueles que afirmam não investir em nenhum tipo de produto financeiro (23,5%), percebe-se que 53,1% dos pós-graduandos não investem ou só investem em um produto extremamente conservador. A outra metade da amostra aplica em um ou mais produtos de renda fixa e variável. Destaca-se ainda que o Tesouro direto (16,8%) tem menor aceitação que os fundos de investimento (22,6%). Apenas 11,9% arriscam em ações e 2,2% em derivativos. Dentre os que marcaram a opção “outros” investimentos, destacam-se aplicações em COE – Certificado de operações estruturadas, criptomoedas, previdência privada e imóveis.

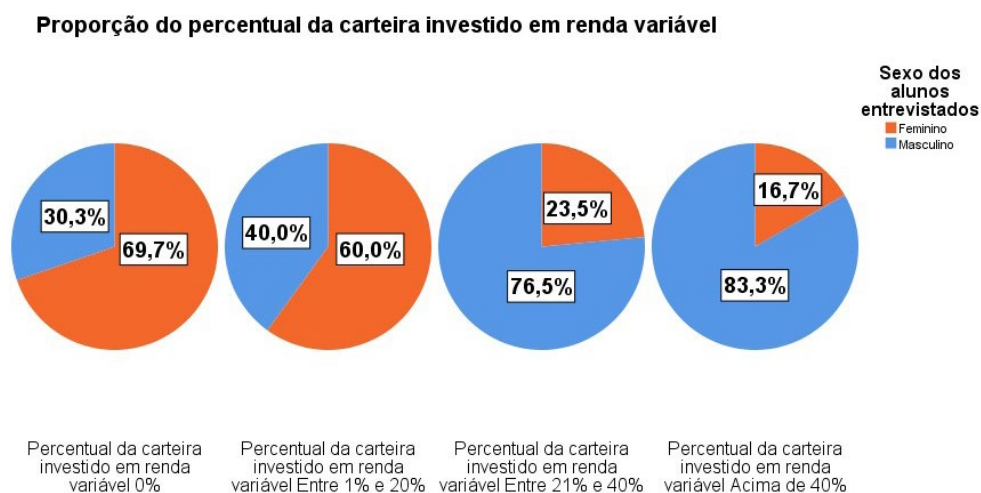
Outra questão analisada na pesquisa foi o percentual da carteira aplicado em renda variável. Durante a tabulação dos dados, observou-se uma diferença de alocação, entre o público feminino e masculino, quanto à manutenção do risco em suas carteiras. Observa-se que as mulheres são maioria dentre os que não aplicam em renda variável. E, à medida que o percentual de aplicação aumenta, o público masculino eleva sua participação e supera as mulheres em investimentos acima de 20% da carteira em renda variável. Entretanto, ambos demonstram conservadorismo nas aplicações, uma vez que 67,3% de todos os entrevistados afirmaram não investir em renda variável.

Tabela 4 - Sexo dos alunos x Percentual investido em renda variável

Sexo dos alunos entrevistados x Percentual da carteira investido em renda variável					
% do Total		Percentual da carteira investido em renda variável			
		0%	Entre 1% e 20%	Entre 21% e 40%	Acima de 40%
Sexo dos alunos entrevistados	Feminino	46,9%	11,9%	1,8%	0,9%
	Masculino	20,4%	8,0%	5,8%	4,4%
Total		67,3%	19,9%	7,5%	5,3%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Gráfico 4 - Proporção entre o público e os percentuais investidos em renda variável



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Quanto às aplicações em caderneta de poupança, percebe-se que 44,7% dos entrevistados afirmam não investir nesse produto. E, ainda, o público feminino predomina em todos os percentuais de alocação propostos mesmo proporcionalmente. Aparentemente, os homens têm buscado produtos com uma rentabilidade um pouco maior, logo maior risco, enquanto as mulheres demonstram almejar um investimento seguro.

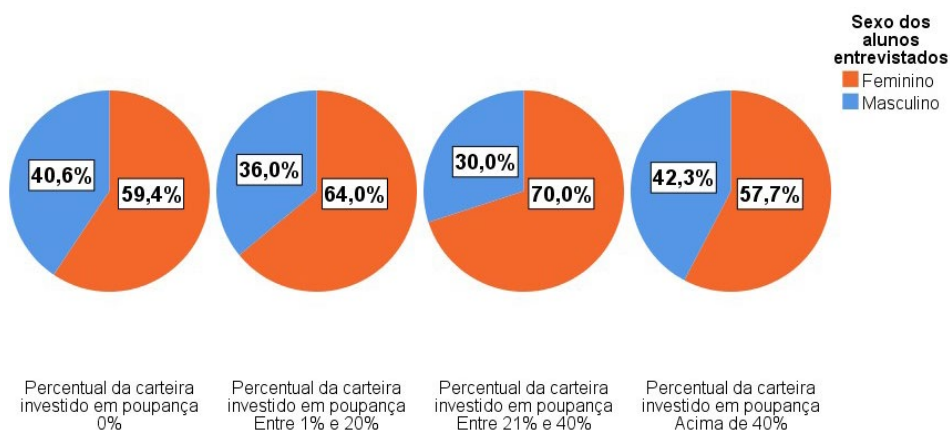
Tabela 5 - Sexo dos alunos x Percentual investido em caderneta de poupança

% do Total		Percentual da carteira investido em poupança			
		0%	Entre 1% e 20%	Entre 21% e 40%	Acima de 40%
Sexo dos alunos entrevistados	Feminino	26,5%	25,2%	3,1%	6,6%
	Masculino	18,1%	14,2%	1,3%	4,9%
Total		44,7%	39,4%	4,4%	11,5%

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Gráfico 5 - Proporção entre o público e os percentuais investidos em caderneta de poupança

Sexo dos alunos entrevistados x Percentual da carteira investido em poupança

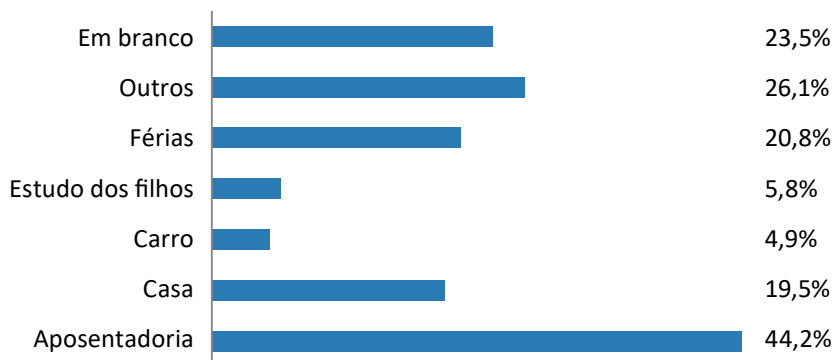


Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Outro questionamento da pesquisa foi acerca dos objetivos de investimento. O resultado mostra que a grande maioria tem como foco investir para aposentadoria (44,2%), seguido pelo item “outros” (26,1%) que foi explicado por muitos como investimentos em “reservas de emergência”, “imprevistos”, “não deixar o dinheiro parado” ou simplesmente aplicar para o “futuro”. É interessante notar que a casa própria tem recebido menos aplicações que as férias, provavelmente pela faixa etária predominante de jovens respondentes e suas novas aspirações. Destaca-se, ainda, que neste item era possível assinalar mais de uma alternativa e o campo “em branco” se refere àqueles que declararam não realizar investimentos.

Gráfico 6 - Os objetivos de investimento

Você investe com algum objetivo específico?

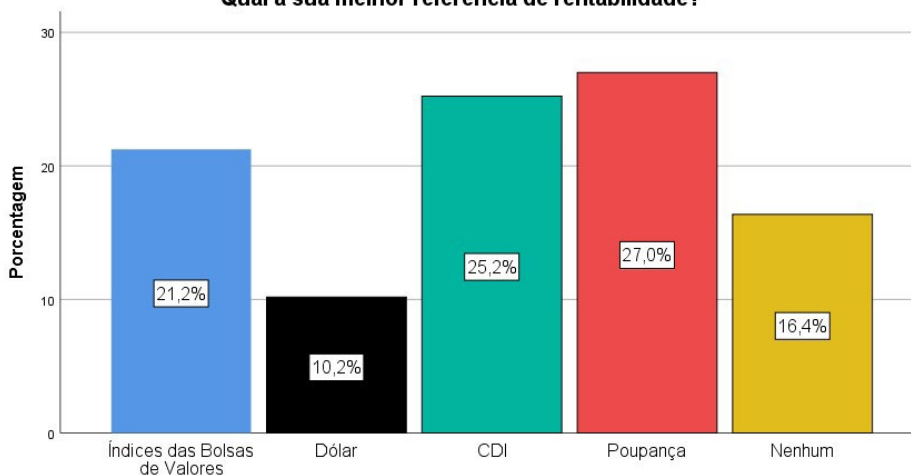


Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

E, por fim, investigou-se qual seria a melhor referência de rentabilidade para os pós-graduandos. Observa-se que a poupança foi a mais votada com 27%, mas tendo o CDI bem próximo (25,2%). É importante frisar que muitos assinalaram *benchmarks* de renda variável, mesmo não possuindo produtos como dólar e Bolsa de Valores, mas para esses são indicadores de padrões de rentabilidade. Outros, mesmo tendo ações em sua carteira, entendem que o CDI é a melhor referência. Muitos que não investem também deixaram a sua opinião quanto a essa questão.

Gráfico 7 - Referência de rentabilidade

Qual a sua melhor referência de rentabilidade?



Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo agregou as informações obtidas, através da pesquisa bibliográfica e documental realizada, ao material gerado na pesquisa de campo. Objetivou-se compreender o atual cenário econômico, o mercado financeiro e de capitais e a atuação dos alunos de pós-graduação da *FAE Business School* no mundo dos investimentos – seu perfil e grau de conhecimento acerca de tal mercado.

Diante dos resultados expostos, percebe-se que a amostra analisada é composta, em sua maioria, pelo público feminino (61,5%) e solteiro (57,5%), com faixa etária predominantemente entre os 20 e 30 anos (61,1%) e que tem o salário como principal fonte de renda (77,0%). Observa-se ainda, que, apesar de a maior parte da amostra investir seus recursos mensalmente, há uma parcela considerável (26,1%) que afirma nunca realizar aplicações. Os principais investimentos realizados pelos alunos são aqueles vinculados à renda fixa, com destaque para a poupança, realizada por 52,2% do grupo.

Portanto, pode-se concluir que os pós-graduandos da *FAE Business School*, de maneira geral, possuem um perfil conservador, pois têm optado por produtos que se caracterizam pela segurança e liquidez. Além disso, sua principal referência de rentabilidade é o próprio índice da poupança (27,0%), seguido pelo CDI (25,2%). Isso fica evidente, também, diante da baixíssima participação em produtos com maior exposição ao risco. Apenas 12,8% dos alunos investem acima de 20% do total dos seus investimentos em renda variável. Apesar disso, seu principal objetivo de investimento é acumular para a aposentadoria e garantir um futuro.

Destaca-se a necessidade de maiores práticas de educação financeira, tanto relacionadas ao planejamento, quanto vinculadas aos investimentos e aposentadoria dos alunos. A instituição educacional na qual estudam oferece disciplinas que podem trazer grande impacto para suas vidas financeiras e negócios.

Buscou-se cumprir com os objetivos propostos e responder o questionamento levantado, mas não exaurir o tema com esta pesquisa. Espera-se deixar um legado para que novos estudos surjam sobre o porquê do comportamento atual dos investidores, contribuições que a *FAE Business School* pode oferecer aos seus alunos e professores, quanto à educação financeira, e comparativos de produtos de investimento para o alcance da aposentadoria.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado financeiro**. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Atas do Copom**: 2018. 2018. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/?id=ATACOPOM&ano=2018>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

_____. **Conheça os tipos de empréstimos disponíveis para consumidores de serviços financeiros**. 2018. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/c/noticias/227>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

CNDL. **Apenas 21% dos brasileiros guardaram parte da renda em junho**. 2017. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/negocios/online/apenas-21-dos-brasileiros-guardaram-parte-da-renda-em-junho-1.1810181>>. Acesso em: 30 maio 2018.

FALARARO, Alex. **Finanças econômicas**. Disponível em: <<http://financaseconomicas.blogspot.com/2009/10/o-que-e-mercado-financeiro-e-o-sistema.html>>. Acesso em: 14 maio 2018.

FORTUNA, Eduardo. **Mercado financeiro: produtos e serviços**. 18. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

KLAPPER, Leora; LUSARDI, Annamaria; OUDHEUSDEN, Peter van. Financial literacy around the world: insights from the Standard & Poor's ratings services global financial literacy survey. **Standard & Poor's**, USA, p. 1-28, 2016. Disponível em: <http://gflec.org/wpcontent/uploads/2015/11/Finlit_paper_16_F2_singles.pdf>. Acesso em: 03 maio 2018.

MARIANO, Fabrício; MENESES, Anderson. **Mercado financeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2015.

PINHEIRO, Juliano. **Mercado de capitais**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

PORTAL DO COOPERATIVISMO FINANCEIRO. **A era digital nos serviços financeiros**. 2017. Disponível em: <<http://cooperativismodecredito.coop.br/2017/06/a-era-digital-nos-servicos-financeiros>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SERASA. **Cheque especial: como funciona?** 2017. Disponível em: <<https://www.serasaconsumidor.com.br/ensina/seu-credito/como-funciona-o-cheque-especial>>. Acesso em: 17 maio 2018.

SPC BRASIL. **58% dos brasileiros não gostam de dedicar tempo para cuidar das próprias finanças**. 2018. Disponível em: <<https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/4392>>. Acesso em: 03 maio 2018.